

20/08/95

A paixão de escrever

Nair Lacerda

Colaboradora

Sempre se disse que o Brasil era o país dos poetas. Toda a gente aqui versejava e não havia bacharel encanecido que não sorrisse à lembrança dos versinhos perpetrados aos 20 anos. Atrás do “fecho de ouro” dos sonetos, quantos parnasianos em embrião suaram e sofreram!

Entretanto, ainda hoje discute-se no Brasil se o escritor é um profissional das letras, se realmente existe aqui a profissão de escritor. Porque até bem pouco tempo a arte de escrever era prenda, enfeite, talento visto com quase desdenhosa indulgência, pois parecia florescer juntamente com um pendor incontrolável para a boêmia, para o dispersamento e, mesmo, para as mesas dos bares. Jornais e revistas dificilmente remuneravam — e como remuneravam! — um colaborador. Consideravam-no suficientemente pago com a honra de ver o próprio nome em letra de forma. E a visita tímida às redações, manuscrito em punho, tentando obter o favor da publicação, foi a penosa estréia no mundo das letras de muita gente boa.

O jornalista, então, obrigava-se a ser uma enciclopédia ambulante. De tudo devia entender, tudo precisava comentar, sobre tu-

do tinha de opinar. Hoje, a crescente complexidade dos problemas políticos, econômicos e sociais forçou a especialização e, se isso veio em detrimento, talvez, da cultura geral de muitos profissionais da imprensa, trouxe para o público, uma orientação mais segura nos assuntos que o interessam.

Se o critério em relação à arte de escrever mudou, nem por isso mudou a paixão de escrever e, o que é mais grave, a paixão de publicar, por parte de muita gente, que, bem desenvolvamente, faz caso omisso das exigências que a profissão impõe aos que pretendem adotá-la.

Antes de mais nada, atrás da arte de escrever, sustentando-a, dando-lhe fundamento e seriedade, há um artesanato a adquirir, um árduo artesanato. Há o estudo paciente da língua a enfrentar, há conhecimentos indispensáveis a reunir, estilos a comparar, correntes literárias a estudar, imensas, contínuas e escolhidas leituras a fazer.

A não ser para os gênios — e eles não pululam por aí, evidentemente — a profissão de escritor é algo a que se chega pelo trabalho e pela aplicação, como a qualquer outra. Exige, naturalmente, e como qualquer outra, ainda, um talento natural, um pendor decisivo. Esse talento pode ser peque-

no, limitado, ou alçar-se a alturas condoreiras, mas deve estar presente. Esse pendor pode ser sereno ou avassalador, mas precisa existir.

Considerar a profissão de escritor como ornamento lisonjeador de vaidades, pretender alcançá-la sem esforço e tenacidade, sem o manejo fácil e limpo do idioma, sem as longas horas de isolamento e silêncio que se gasta a assimilar conhecimentos, a adquirir cultura geral — ferramenta de trabalho do escritor — é desconhecer a realidade de uma das mais exigentes atividades humanas, quando decente e honestamente exercida.

Imaginação, capacidade de observação, sensibilidade são dons naturais que o exercício desenvolve e aprimora. Mas gramática — ai de nós! — é algo que não nasce conosco, não. E que, como a felicidade do nosso poeta, muita gente que escreve põe sempre onde não estão as suas letras. Aquela história dos 10% de inspiração e 90% de transpiração é, infelizmente, exatíssima.

Escrever é um ideal, e publicar o que se escreve é um complemento lógico daquele ideal. Mas não há urgência alguma em escrever, urgência alguma em publicar. Antes de entrar para o campo de lutas o atleta entrega-se a demorado treinamento. Só então enfrenta o adversário.